

DISCURSO DA IMPRENSA SOBRE ACIDENTES DE TRABALHO: AS EVIDÊNCIAS IDEOLÓGICAS DE NOTÍCIAS EM REGIMES DITATORIAIS DO BRASIL

Mônica de Oliveira Pasini¹

Considerações iniciais

A pesquisa de mestrado em curso tem por finalidade investigar as relações da ordem do pré-construído e da historicidade para questões relativas ao direito trabalhista, neste artigo, especificamente, focamos na materialidade de notícias sobre acidentes de trabalho em governos autoritários brasileiros. As condições de produção discursiva pertencem à ditadura de Getúlio Vargas (década de 1940) e à ditadura militar (década de 1970), portanto de contexto capitalista, com restrição aos direitos civis e políticos e com a imprensa sendo controlada por uma censura institucionalizada dentro dos próprios veículos de comunicação.

Assim, o objetivo é analisar o funcionamento discursivo de dois recortes extraídos dos corpora da pesquisa, composto pelas palestras do Ministro do Trabalho Alexandre Marcondes Filho veiculadas pela Rádio Nacional e textualizadas em livretos, para o período da ditadura Vargas; e as notícias protagonizadas pelo governo federal sobre serviços previdenciários veiculadas em jornais, no período da ditadura militar.

Mobilizamos a noção de historicidade para relacionar a discursividade de um fato ocorrido no início do século XX, do primeiro recorte, à discursividade de fatos semelhantes, do final do mesmo século, do segundo recorte. Também mobilizamos as noções de narratividade, paráfrase e polissemia para buscar vestígios dos silêncios nessas notícias. Entendemos que a ausência de direitos trabalhistas e previdenciários, no início do século XX, expõe a classe trabalhadora à exploração dos donos dos meios produtivos, como é o caso dos acidentes de trabalho que revelam a fragilidade da classe operária, quando estão sem uma proteção legal. Na implementação dos direitos sociais, identificamos na forma de uma legislação que prevê proteção a contradição de um processo que da mesma maneira que inclui os direitos relativos ao trabalho, também excluem trabalhadores / trabalhadoras na categoria de cidadãos / cidadãs.

Ainda, observamos, na materialidade textualizada destes dois recortes, a presença da política do silêncio, que amplia o conceito de censura, porque é possível identificar uma interdição dos sentidos, isto é, há sentidos que nem chegam a se realizar (Orlandi, 2007). Por se tratar de análise de produções jornalísticas, compreendemos que o discurso jornalístico é marcado por controles internos e externos, na busca da ilusão de uma informação objetiva (Mariani, 1996). Assim, um dos desdobramentos da análise discursiva está nas evidências produzidas pela ideologia, como o equívoco, por exemplo, que marca a

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural, Labjor/ IEL/ Unicamp/SP.

historicidade. Enquanto a falha está para a língua, o equívoco, como uma ocorrência no discurso, está para a história, conforme Orlandi (2022). Portanto, analisar o funcionamento discursivo, nestes dois recortes, possibilita a identificação das marcas e vestígios ideológicos que evidenciam como os sentidos são divididos pelo Estado e como eles se materializam no discurso jornalístico, que não percebe a historicidade pela qual ele próprio é atravessado.

Narratividade e o real da história

Quando concebemos que o real não se descobre, mas, sim, que nos deparamos com ele (Pêcheux, 2015), temos no fato “acidente de trabalho” esse “real” materializado no Recorte 1 (R1): “UMA HISTÓRIA VERDADEIRA CONTADA AOS OPERÁRIOS DO BRASIL”, palestra transmitida pela Rádio Nacional em 20/03/1942; e no Recorte 2 (R2), extraído do jornal “Correio Braziliense”: “TUDO BEM?”, notícia publicada em 31/10/1978. Encontramos na “noção de narratividade” de Orlandi (2017, p.309) a possibilidade de observar o real na história, porque se trata de uma noção que nos possibilita um “acesso indireto à constituição dos sentidos no sujeito, observando como a memória se conta, pela análise da formulação”. É na narratividade, segundo a autora, que:

[...] flagramos a inscrição do(s) outro(s) no discurso do sujeito, assim como a determinação mais ampla da voz do Outro (interdiscurso, ideologia) presente no espaço de interpretação do sujeito individuado. O funcionamento da memória no sujeito se faz pela narratividade (Orlandi, 2017, p. 286).

Do livro de palestras datilografadas, recortamos a nona palestra (R1), na qual o sujeito-enunciador, ministro, ocupa o papel de “porta-voz” do governo Vargas, pois apresenta o mesmo funcionamento discursivo que Zoppi-Fontana (2014) identificou nos processos discursivos do presidente argentino Raúl Alfonsín, “como legitimação imaginária dos mecanismos de representação política” (Zoppi-Fontana, 2014, p. 75).

Passados 33 anos do acidente de um trabalhador, que teve dois terços de cada antebraço amputados, temos o relato de sua história pelo ministro, que descreve a carta enviada pelo trabalhador, solicitando a readaptação em outro ofício. Verificamos na formulação desse relato como os sentidos são elaborados, conforme as cinco sequências discursivas em destaque, no Recorte 1 (R1). Ao descrever o presidente Vargas, com a presença de adjetivos (SD5), uma regularidade nessas palestras, reconhecemos o funcionamento de “determinantes discursivos” (Indursky, 1992), que saturam os sentidos dos substantivos aos quais se relacionam, uma característica de discursos autoritários. A voz do operário não é ouvida, ela é descrita, como uma alteridade, produzindo o efeito de ilusão da “supremacia da vontade” relacionado à dissimetria constitutiva (luta de classes) na relação entre sujeitos, onde o preconceito de classe também é constitutivo (Orlandi, 2017, p.291). Identificamos diferentes formações discursivas na fala do ministro, pela presença polifônica do governo, do presidente e da empresa. Porém, é na ausência da voz do trabalhador acidentado, que seria o protagonista da “história verdadeira [SD1]” que localizamos o equívoco, a historicidade dos sentidos que constituem o imaginário de “acidentes de trabalho”.

XI SEAD

ESCUTAS DO (IN)DIZÍVEL

2023 UFPE

formação social

ideologia

real

Recorte 1 (R1) - Texto datilografado da palestra de Alexandre Marcondes Filho, de 20/03/1942

SD1

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA CONTADA
-aos OPERÁRIOS DO BRASIL

Para não ser demasiadamente monótono procuro sempre variar os meus temas, e para ser útil, procuro fixar assuntos de interesse geral.

Entre outras matérias, examinei a questão das Cooperativas, a sobrevalência do interesse público nos contratos, a literatura trabalhista, o espírito conciliativo, o tratamento da mulher operária, a magistratura do Trabalho. Ainda a outras mais importantes chegarei; porém, já é uma longa caminhada. Descansemos um instante, como se, através de uma floresta, uma clareira com um raio de sol nos convidasse ao repouso. No meio do extenuante expediente administrativo e do estudo de complexos assuntos, há momentos assim.

Ainda há poucos dias, na minha mesa de trabalho, aglomeravam-se processos já solucionados inteiramente, provindo do Palácio do Governo e que deviam ser devolvidos à Secretaria da Previdência.

Logo no primeiro deles, depois de iniciar o meu despacho — "encaminha-se com as informações à Secretaria da Previdência" — um retrato junto ao expediente chamou-me a atenção. Era um mutilado, de Cachoeiro de Itapemirim. Tratava-se de um pedido de aproveitamento como porteiro, contínuo ou guarda de construção.

Começo por ler a missiva. Uma história dolorosa. O solicitante trabalhava na construção de uma estrada de ferro, quando, vítima de uma explosão de mina falhada que procurava extrair de uma pedreira, teve de amputar dois terços de cada antebraço.

SD2 Este acidente, porém, não o assoreou. Procurou viver pelo seu esforço. É casado e teve vinte filhos. Muitos morreram. Outros ainda são garotos. Toda uma existência de lutas, de amarguras, e ultimamente, até de fome. A idade, a mutilação e o enasreci-

SD3

SD4

mento da vida, o obrigariam agora a viver da caridade pública. Mas, apesar de tudo, queria trabalho. Para isto se dirigiu ao presidente. O apelo era um misto de queixume e de súplica. Sobre a carta — em tinta azul, como uma noiva de céu, o despacho presidencial, simples designação de ministério, numa palavra lida, que era ao mesmo tempo a síntese do próprio drama: "Trabalho". Logo abaixo uma ordem do ministro para que a Delegacia Regional de Espírito Santo prestasse informações sobre o assunto. Tudo isto, em junho do ano passado.

Ninguém calculava como funcionava uma repartição pública. Todos nós, impacientes no que desejamos, recebemos com irritação qualquer demora, porque entre o pedido e a solução, os meses se passam. Este caso, porém, vai servir como um pequeno exemplo da vida burocrática.

O processo foi logo remetido ao Estado de Espírito Santo, e em começo de agosto, por intermédio do Ministério, retornou ao Catete, devidamente instruído. A informação era simples. Nas poucas realizadas, a Delegacia só pudera encontrar colocação em serviços de agricultura. O solicitante não era apto a essas atividades. Para os empregos que especificara, não havia vaga, nem se encontrara gente que quisesse contratar um mutilado. Nada, pois, a fazer.

No turbilhão quotidiano dos expedientes e processos que transitam no Palácio, a carta, como uma folha seca, vagando sobre uma torrente, passou de novo à vista do Sr. Getúlio Vargas. Aqui está, textualmente, o novo despacho: "Volte ao Ministério do Trabalho para que seja informado: 1) quando ocorreu o desastre de que se são as vítimas o reclamante; 2) se recebeu alguma indenização por essa ocorrência e se percebe qualquer pensão do Instituto de Previdência. — 11 de setembro de 1941. — Getúlio Vargas."

A máquina burocrática funcionou outra vez, rapidamente. Nove dias após, o expediente já deu entrada na Regional de Vitória, e o delegado telegrafava ao coletor de Cachoeiro de Itapemirim, solicitando permaneres. O mês ainda não findara, e já

se sabia que o desastre ocorrera no ano de 1909, em obras da Estrada de Ferro Leopoldina. Nenhuma indenização fora paga, porque, ao tempo, não havia leis que regressos os acidentes de trabalho. Tudo, pois, estava fido. Nenhuma lei fora desobediada. SD5

SD6

SD7

SD8

SD9

SD10

SD11

SD12

SD13

SD14

SD15

SD16

SD17

SD18

SD19

SD20

SD21

SD22

SD23

SD24

SD25

SD26

SD27

SD28

SD29

SD30

SD31

SD32

SD33

SD34

SD35

SD36

SD37

SD38

SD39

SD40

SD41

SD42

SD43

SD44

SD45

SD46

SD47

SD48

SD49

SD50

SD51

SD52

SD53

SD54

SD55

SD56

SD57

SD58

SD59

SD60

SD61

SD62

SD63

SD64

SD65

SD66

SD67

SD68

SD69

SD70

SD71

SD72

SD73

SD74

SD75

SD76

SD77

SD78

SD79

SD80

SD81

SD82

SD83

SD84

SD85

SD86

SD87

SD88

SD89

SD90

SD91

SD92

SD93

SD94

SD95

SD96

SD97

SD98

SD99

SD100

SD101

SD102

SD103

SD104

SD105

SD106

SD107

SD108

SD109

SD110

SD111

SD112

SD113

SD114

SD115

SD116

SD117

SD118

SD119

SD120

SD121

SD122

SD123

SD124

SD125

SD126

SD127

SD128

SD129

SD130

SD131

SD132

SD133

SD134

SD135

SD136

SD137

SD138

SD139

SD140

SD141

SD142

SD143

SD144

SD145

SD146

SD147

SD148

SD149

SD150

SD151

SD152

SD153

SD154

SD155

SD156

SD157

SD158

SD159

SD160

SD161

SD162

SD163

SD164

SD165

SD166

SD167

SD168

SD169

SD170

SD171

SD172

SD173

SD174

SD175

SD176

SD177

SD178

SD179

SD180

SD181

SD182

SD183

SD184

SD185

SD186

SD187

SD188

SD189

SD190

SD191

SD192

SD193

SD194

SD195

SD196

SD197

SD198

SD199

SD200

SD201

SD202

SD203

SD204

SD205

SD206

SD207

SD208

SD209

SD210

SD211

SD212

SD213

SD214

SD215

SD216

SD217

SD218

SD219

SD220

SD221

SD222

SD223

SD224

SD225

SD226

SD227

SD228

SD229

SD230

SD231

SD232

SD233

SD234

SD235

SD236

SD237

SD238

SD239

SD240

SD241

SD242

SD243

SD244

SD245

SD246

SD247

SD248

SD249

SD250

SD251

SD252

SD253

SD254

SD255

SD256

SD257

SD258

SD259

SD260

SD261

SD262

SD263

SD264

SD265

SD266

SD267

SD268

SD269

SD270

SD271

SD272

SD273

SD274

SD275

SD276

SD277

SD278

SD279

SD280

SD281

SD282

SD283

SD284

SD285

SD286

SD287

SD288

SD289

SD290

SD291

SD292

SD293

SD294

SD295

SD296

SD297

SD298

SD299

SD300

SD301

SD302

SD303

SD304

SD305

SD306

SD307

SD308

SD309

SD310

SD311

SD312

SD313

SD314

SD315

SD316

SD317

SD318

SD319

SD320

SD321

SD322

SD323

SD324

SD325

SD326

SD327

SD328

SD329

SD330

SD331

SD332

SD333

SD334

SD335

SD336

SD337

SD338

SD339

SD340

SD341

SD342

SD343

SD344

SD345

SD346

SD347

SD348

SD349

SD350

SD351

SD352

SD353

SD354

SD355

SD356

SD357

SD358

SD359

SD360

SD361

SD362

SD363

SD364

SD365

SD366

SD367

SD368

SD369

SD370

SD371

SD372

SD373

SD374

SD375

SD376

SD377

SD378

SD379

SD380

SD381

SD382

SD383

SD384

SD385

SD386

SD387

SD388

SD389

SD390

SD391

SD392

SD393

SD394

SD395

SD396

SD397

SD398

SD399

SD400

SD401

SD402

SD403

SD404

SD405

SD406

SD407

SD408

SD409

SD410

SD411

SD412

SD413

SD414

SD415

SD416

SD417

SD418

SD419

SD420

SD421

SD422

SD423

SD424

SD425

SD426

SD427

SD428

SD429

SD430

SD431

SD432

SD433

SD434

SD435

SD436

SD437

SD438

SD439

SD440

SD441

SD442

SD443

SD444

SD445

SD446

SD447

SD448

SD449

SD450

SD451

SD452

SD453

SD454

SD455

SD456

SD457

SD458

SD459

SD460

SD461

SD462

SD463

SD464

SD465

SD466

SD467

SD468

SD469

SD470

SD471

SD472

SD473

SD474

SD475

SD476

SD477

SD478

SD479

SD480

SD481

SD482

SD483

SD484

SD485

SD486

SD487

SD488

SD489

SD490

SD491

SD492

SD493

SD494

SD495

SD496

SD497

SD498

SD499

SD500

SD501

SD502

SD503

SD504

SD505

SD506

SD507

SD508

SD509

SD510

SD511

SD512

SD513

SD514

SD515

SD516

SD517

SD518

SD519

SD520

SD521

SD522

SD523

SD524

SD525

SD526

SD527

SD528

SD529

SD530

SD531

SD532

SD533

SD534

SD535

SD536

SD537

SD538

SD539

SD540

SD541

SD542

SD543

SD544

SD545

SD546

SD547

SD548

SD549

SD550

SD551

SD552

SD553

SD554

SD555

SD556

SD557

SD558

SD559

SD560

SD561

SD562

SD563

SD564

SD565

SD566

SD567

SD568

SD569

SD570

SD571

SD572

SD573

SD574

SD575

SD576

SD577

SD578

SD579

SD580

SD581

SD582

SD583

SD584

SD585

SD586

SD587

SD588

SD589

SD590

SD591

SD592

SD593

SD594

SD595

SD596

SD597

SD598

SD599

SD600

SD601

SD602

SD603

SD604

SD605

SD606

SD607

SD608

SD609

SD610

SD611

SD612

SD613

SD614

SD615

SD616

SD617

SD618

SD619

SD620

SD621

SD622

SD623

SD624

SD625

SD626

SD627

SD628

SD629

SD630

SD631

SD632

SD633

SD634

SD635

SD636

SD637

SD638

SD639

SD640

SD641

SD642

SD643

SD644

SD645

SD646

SD647

SD648

SD649

SD650

SD651

SD652

SD653

SD654

SD655

SD656

SD657

SD658

SD659

SD660

SD661

SD662

SD663

SD664

SD665

SD666

SD667

SD668

SD669

SD670

SD671

SD672

SD673

SD674

SD675

SD676

SD677

SD678

SD679

SD680

SD681

SD682

SD683

SD684

SD685

SD686

SD687

SD688

SD689

SD690

SD691

SD692

SD693

SD694

SD695

SD696

SD697

SD698

SD699

SD700

SD701

SD702

SD703

SD704

SD705

SD706

SD707

SD708

SD709

SD710

SD711

SD712

SD713

SD714

SD715

SD716

SD717

SD718

SD719

SD720

SD721

SD722

SD723

SD724

SD725

SD726

SD727

SD728

SD729

SD730

SD731

SD732

SD733

SD734

SD735

SD736

SD737

SD738

SD739

SD740

SD741

SD742

SD743

SD744

SD745

SD746

SD747

SD748

SD749

SD750

SD751

SD752

SD753

SD754

SD755

SD756

SD757

SD758

SD759

SD760

SD761

SD762

SD763

SD764

SD765

SD766

SD767

SD768

SD769

SD770

SD771

SD772

SD773

SD774

SD775

SD776

SD777

SD778

SD779

SD780

SD781

SD782

SD783

SD784

SD785

SD786

SD787

SD788

SD789

SD790

SD791

SD792

SD793

SD794

SD795

SD796

SD797

SD798

SD799

SD800

SD801

SD802

SD803

SD804

SD805

SD806

SD807

SD808

SD809

SD810

SD811

SD812

SD813

SD814

SD815

SD816

SD817

SD818

SD819

SD820

SD821

SD822

SD823

SD824

SD825

SD826

SD827

SD828

SD829

SD830

SD831

SD832

SD833

SD834

SD835

SD836

SD837

SD838

SD839

SD840

SD841

SD842

SD843

SD844

SD845

SD846

SD847

SD848

SD849

SD850

SD851

SD852

SD853

SD854

SD855

SD856

SD857

SD858

SD859

SD860

SD861

SD862

SD863

SD864

SD865

SD866

SD867

SD868

SD869

SD870

SD871

SD872

SD873

SD874

SD875

SD876

SD877

SD878

SD879

SD880

SD881

SD882

SD883

SD884

SD885

SD886

SD887

SD888

SD889

SD890

SD891

SD892

SD893

SD894

SD895

SD896

SD897

SD898

SD899

SD900

SD901

SD902

SD903

SD904

SD905

SD906

SD907

SD908

SD909

SD910

SD911

SD912

SD913

SD914

SD915

SD916

SD917

SD918

SD919

SD920

SD921

SD922

SD923

SD924

SD925

SD926

SD927

SD928

SD929

SD930

SD931

SD932

SD933

SD934

SD935

SD936

SD937

SD938

SD939

SD940

SD941

SD942

SD943

SD944

SD945

SD946

SD947

SD948

SD949

SD950

SD951

SD952

SD953

SD954

SD955

SD956

SD957

SD958

SD959

SD960

SD961

SD962

SD963

SD964

SD965

SD966

SD967

SD968

SD969

SD970

SD971

SD972

SD973

SD974

SD975

SD976

SD977

SD978

SD979

SD980

SD981

SD982

SD983

SD984

SD985

SD986

SD987

SD988

SD989

SD990

SD991

SD992

SD993

SD994

SD995

SD996

SD997

SD998

SD999

SD1000

meos em que mora com a mulher e 7 filhos. As pesquisas de -
monstram que não era empregado da Companhia ao tempo do acidente, mas de um empreiteiro de fornecimento de pedra para as obras da ferrovia.

Esta informação instrue o ofício junto ao processo a ser agora devolvido à Secretaria da Previdência. A Estrada assinala que nenhuma responsabilidade lhe poderá ser atribuída. Mas, acrescenta: "Levando em alta consideração os sentimentos humanitários manifestados pelo Sr. Presidente da República, temos a grata satisfação de informar que estamos determinando providências de modo a que o antigo acidentado possa receber o amparo que necessita."

Cheio de emoção retomo a pena e concluo o meu despacho: "encaminha-se à Secretaria da Previdência este processo que contém uma jóia de administração pública e em que o Sr. Presidente da República, mais uma vez, revela as suas excelentes qualidades de protetor dos trabalhadores do Brasil."

No corpus da ditadura militar, em R2, temos a reportagem de Luís Joca, "TUDO BEM?", uma publicação do Correio Braziliense. Observamos neste recorte que toda a construção da reportagem é fundada no otimismo, cujas sequências discursivas afirmativas são deslocadas para a voz de um trabalhador acidentado.

Entretanto, as perguntas permitem que nossa análise explore o sinal de pontuação marcador de interrogação: "?". Segundo Orlandi (2022, p.113), "a pontuação faz parte da marcação do ritmo entre o dizer e o não-dizer". Logo no título do texto surge a pergunta "Tudo bem?", que traz o efeito-leitor de uma possível resposta na própria reportagem, contudo identificamos aí sentidos outros, local onde está o "trabalho do silêncio" (Orlandi, 2007). São nesses vestígios da incompletude linguística, cujo funcionamento tem como base a polissemia que se apresenta o local de multiplicidade de sentidos próprios do silêncio. O texto traz mais três perguntas que, sem respostas, marcam o silêncio e possibilitam o jogo da polissemia e da paráfrase.

A primeira paráfrase que podemos extrair da SD7 [Tudo bem?] é na articulação da pergunta no topo da página com a publicidade de uma empresa privada de seguros, que domina a totalidade do rodapé da reportagem, conforme a Paráfrase 1:

Paráfrase 1 - Tudo bem com a Golden Cross prevenindo despesas.(?)

O ponto final da paráfrase possibilita uma afirmação se contrapondo às interrogações. Com essa paráfrase, podem ser estabelecidos sentidos de trabalho relacionados à despesa, trabalhador acidentado relacionado à prejuízo financeiro.

Há outras perguntas no decorrer da reportagem [localizadas no terceiro parágrafo da primeira coluna], nas quais reconhecemos uma produção de sentido de efeito de ilusão de interlocução, na qual o leitor é convidado a respondê-las, todavia, as estatísticas do final da coluna "Muito Otimismo" provocam uma saturação dos sentidos, porque os números produzem o efeito de ilusão de completude, corroborando a fala reproduzida do sujeito trabalhador de que "Deus me ajudou"; bem como dos subtítulos "Há esperança" e "Muito otimismo". A partir das perguntas da própria reportagem, podemos extrair mais paráfrases, ainda em uma articulação à SD7, conforme as Paráfrases 2, 3 e 4:

Paráfrase 2 - [Tudo bem] O governo reduziu os números de acidentes de trabalho.(?)

Paráfrase 3 - [Tudo bem] Tem trabalhador que não morreu por acidente de trabalho.(?)

Paráfrase 4 - [Tudo bem] O Brasil não é mais campeão mundial de acidentes de trabalho.(?)

Essas paráfrases nos mostram como os sentidos, no discurso jornalístico, estão divididos e são polissêmicos em um processo de reapresentação da "língua de madeira" do Estado que apaga "a materialidade da língua na falaciosa transparência da lógica" (Gadet e Pêcheux, 2004, p. 117). Sobre isso,

Considerações finais

Essas análises possibilitaram a observação da produção ideológica de efeitos de sentidos para “acidentes de trabalho”, em períodos históricos distintos, onde prevaleceu o discurso jornalístico reproduzindo a língua de madeira do Estado, nas condições de produção discursiva de governos autoritários. Ao mobilizarmos a noção de narratividade, buscando compreender a formulação das falas do ministro de Vargas e com as paráfrases da notícia da ditadura militar, verificamos que sentidos para acidentes de trabalho foram constituídos a partir de “discursos sobre” (Orlandi, 2008, p.44), que organizaram a memória para o fato “acidentes de trabalho”.

Portanto, concluímos que, nesses contextos ditatoriais, o sujeito trabalhador vítima de acidente de trabalho é totalmente silenciado quando sua voz sequer é ouvida ou quando é ouvida, apresenta-se dentro da lógica do Estado, ao lado de índices estatísticos. São com esses apagamentos e silenciamentos de períodos históricos nos quais não havia uma legislação protetiva, conforme relatado na palestra do primeiro recorte; ou quando o Brasil ocupava o lugar de campeão mundial de acidentes de trabalho, como é o contexto do segundo recorte, que os sentidos para acidentes de trabalho no Brasil foram constituídos.

REFERÊNCIAS

- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL I: Correio Braziliense (DF) - 1970 a 1979**. Rio de Janeiro. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&pesq=%22INPS%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=14 Acesso em: 15 out. 2020.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A Língua inatingível**. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: RG Editores, 2010. Tradução de: *La langue introuvable*, 1981.
- INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira**. 1992. Tese (Doutorado em Ciências e Linguística) - Unicamp, Campinas, 1992. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/>. Acesso em: 07 maio 2021.
- MARCONDES FILHO, Alexandre. **Produção Intelectual\AMF pi Marcondes Filho, A. 1942.06.25**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV/CPDOC). Série Produção Intelectual AMF 1942.06.25. 1943
- MARIANI, Bethania Sampaio Correa. **O Comunismo Imaginário: Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989)**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni. **Terra à vista- Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- ORLANDI, Eni. **Eu, Tu, Ele e o real da história**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2022.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. Tradução de: *Discourse: Structure or Event?*, 1988.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica. **Cidadãos modernos: discurso e representação política**. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.